

# INDIVIDUALISMO E IDENTIDADE: ESTABILIZAÇÕES E FLUXOS NA CONSTRUÇÃO DA PESSOA ENTRE RITMISTAS DE ESCOLAS DE SAMBA

## INDIVIDUALISM AND IDENTITY: STABILIZATIONS AND FLUXES IN SELF CONSTRUCTION AMONG SAMBA SCHOOLS' DRUMMERS

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p84-95

### Resumo

Neste artigo procuro enfatizar como o processo de construção da identidade é enervado por esta tensão entre uma estabilidade/independência e uma instabilidade/contextualidade/relacionalidade. O foco no qual centro a análise sobre identidade está relacionado à sexualidade de ritmistas de escolas de samba cariocas. A especificidade desse processo entre ritmistas reside no fato de a construção de suas identidades ser intimamente relacionada aos instrumentos musicais. Defendo a ideia de que nesses universos as identidades (e, por consequência, as identidades sexuais) são feitas *em relação* aos/com os instrumentos. Suas identidades sexuais serão percebidas ora como estabilizações, ora como fluxos, dependendo do nível e contexto nos quais se colocam.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Identidade. Construção da Pessoa. Escola de samba.

### Abstract

In this article I try to emphasize the ways in which the processes of identity building is enervate by the tension between stabilization/independence and instabilities/relationality. The focus in which my analysis is centered is about the sexuality of samba schools' drummers in Rio de Janeiro. The particularity in these processes is that in these contexts the identities (and therefore sexual identities) are built in relation with/to the musical instruments. Their sexual identities will be understood both as stabilizations and fluxes, depending on the context their posed in.

**Keywords:** Homosexuality. Identity. Self construction. Samba schools.

---

**Lucas Ferreira Bilate**

Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.

E-mail: lucas\_bilate@hotmail.com.

O tema da construção social da *pessoa* apresenta desafios em diversos níveis, tanto analíticos quanto pessoais e práticos. O olhar antropológico comparativo permite que possamos enfrentar os desafios analíticos apresentados por este tema procurando compreender os contextos e fios que amarram e envolvem determinada concepção de Pessoa. Ou seja, o saber antropológico pode contribuir para a compreensão deste tema através do exercício da comparação. Ao comparar conjuntos lógicos, estruturas de pensamento, socialidades ou culturas é possível entender os contextos e tensões atrelados à determinada ideia de Pessoa.

Neste artigo procuro enfatizar como o processo de construção da identidade é enervado por esta tensão entre uma estabilidade/independência e uma instabilidade/contextualidade/relacionalidade. O foco no qual centro a análise sobre identidade está relacionado à sexualidade de ritmistas de escolas de samba cariocas. A especificidade desse processo entre ritmistas reside no fato de a construção de suas identidades ser intimamente relacionada aos instrumentos musicais. Defendo a ideia de que nesses universos as identidades (e, por consequência, as identidades sexuais) são feitas *em relação* aos/com os instrumentos, fato que agrega especial particularidade ao modo como os sujeitos entendem suas experiências de identidade. Veremos como a noção de que a identidade é particular, singular, essencial e estável é vivenciada como tensão em relação à ideia de que ela seja relacional, instável e contextual.

Na tensão entre a instabilidade e estabilidade, o que aqui chamamos de “identidade homossexual” aparece sempre como uma manifestação de um desejo que os constitui essencialmente. No entanto, a identificação entre homossexualidade e gênero feminino é percebida por eles como sendo contextual e não uma “essência” da homossexualidade. Ou seja, a pluralidade de formas de se conceber e vivenciar a homossexualidade masculina nesses universos demonstra como, sob alguns níveis, as identidades são pensadas como estáveis e essenciais e, sob outros níveis, são vistas como contextuais e relacionais.

Ao tentar explicar o modo como em “nossa sociedade”<sup>1</sup> concebemos e vivenciamos essas experiências

1 As aspas são utilizadas aqui para ressaltar problemas que a ideia de “nossa sociedade” possa suscitar. Ao falar em tal conjunto desejo caracterizar uma ordem cultural moderna ocidental da qual entendo que somos tributários.

e processos de construção da Pessoa, diversos autores apontam a preeminência entre nós do indivíduo como representação específica e dominante do Eu. Se na chamada cultura ocidental moderna o indivíduo é a forma reinante de se conceber a Pessoa, isto, no entanto, não é válido para outros conjuntos, contextos ou grupos humanos. A diferenciação *simmeliana* entre indivíduo quantitativo e qualitativo procura expressar essa variação entre um modo de percepção/ experiência de si e a existência quantitativa de seres humanos.

O indivíduo, como maneira de representar a Pessoa, é particular e historicamente constituído. Todas as “sociedades” humanas possuem representações (às vezes de variados tipos) sobre a Pessoa e são constituídas “por pessoas”. No entanto, a forma indivíduo é, entre nós, hegemônica e especialmente significativa. De fato, segundo Dumont (2000), a chamada “modernidade” também se caracteriza pela dominância cultural do individualismo como ideologia. A representação da Pessoa como autônoma, igual e livre cristalizada na ideia de indivíduo instaura contradições candentes já que postula uma autonomia que na prática não se realiza plenamente (afinal, também cremos no que podemos chamar de uma “natureza social do Homem”)<sup>2</sup>. Ao lado da igualdade, autonomia e liberdade, a realidade e prática social apresentam desigualdades, dependências e ausência de liberdade, o que tende a acirrar tensões entre a representação de Pessoa dominante e as experiências dos sujeitos em seus contextos. Do ponto de vista das carreiras e trajetórias esses processos são vivenciados com enorme potencial de conflito. A família moderna, ente social responsável fundamentalmente por criar indivíduos, é uma arena privilegiada de observação e análise das tensões instauradas pela forma indivíduo de se conceber a Pessoa. É neste ambiente familiar que os sujeitos são levados a se perceber como livres, iguais e autônomos e, no entanto, veem-se esbarrando em sanções,

2 Como nos lembrou Duarte (2011), a própria emergência das ciências sociais se deu num contexto de amplo desenvolvimento da ideologia individualista como tentativa de explicar essa “natureza social do Homem”. É importante ressaltar que a ordem cosmológica moderna teve como suporte a oposição entre o “indivíduo” e a “sociedade” e que, como apontam autores como Marilyn Strathern, só é possível haver “sociedade” onde há “indivíduo”. Quero dizer com isso que a ideia de indivíduo como representação da Pessoa só é logicamente possível se pensada em relação à ideia de sociedade (criando, assim, uma “questão” ao postular concomitantemente a independência e a dependência entre os seres sociais).

determinações, mandatos, heranças e etc. Em outras palavras, à independência contrapõe-se a relacionalidade.

A representação cultural do indivíduo possui uma característica que a torna ainda mais contraditória do ponto de vista dos sujeitos. Trata-se do fato de que este ente indivisível é visto como singular e portador de uma identidade que o caracteriza. O trabalho de individualização é também essa busca pela revelação de sua singularidade, daquilo que o diferencia dos demais. Esta identidade é fundamentalmente compreendida como imutável singular e estável. No entanto, somos todos socialmente e intimamente desafiados pelo fato de que nossa identidade é também contextual, relacional e, por isso, potencialmente instável. Desafiados ainda pelo fato de que esta identidade é ao mesmo tempo vista como atributo individual e como uma dimensão da experiência que é compartilhada (veja-se, por exemplo, a “identidade homossexual” ou “identidade quilombola”).

O presente artigo é fruto de reflexões surgidas durante a pesquisa que originou minha dissertação de mestrado (BILATE, 2013). Naquela ocasião a intenção era a de explorar os modos pelos quais os gêneros e as diferentes “homossexualidades masculinas” eram vivenciados e produzidos nos contextos de baterias de Escolas de Samba cariocas. A pesquisa teve como base um trabalho etnográfico em duas agremiações do Rio de Janeiro e uma série de entrevistas com ritmistas dos mais variados instrumentos musicais.

Apesar de estar intimamente ligada àquele trabalho, esta reflexão que proponho tem contornos diferentes. Mais do que nos deter sobre os modos de construção de gêneros e identidades sexuais, tratar-se-á de tentar compreender como identidades e subjetividades são produzidas numa tensão entre fluxo e estabilização ora como essências inarredáveis ora como construções relacionais e contextuais<sup>3</sup>.

3 O uso no texto de algumas obras literárias decorre do fato de este artigo ter sido inspirado em um curso realizado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS-MN-UFRJ) ministrado pelos professores Luiz Fernando Dias Duarte e Waleska Aureliano no qual a construção social da Pessoa era analisada e ilustrada também a partir dessas obras.

## Individualização e identidade

A busca de um “cerne”, de uma personalidade, de uma identidade e de uma individualidade é marcada por uma ideia de *estabilização*. A definição de uma característica ou o ato de imprimir uma singularidade é uma tentativa de estabilizar fronteiras entre o “eu” e o “outro”. Como aponta Duarte: “Qualquer diferenciação identificatória só pode se concretizar contra o pano de fundo das relações sociais significativas – os *significant others* característicos das análises interacionistas – (...)” (DUARTE, 2011: 8). Este “pano de fundo” do qual nos fala o autor é uma difusão de relações em relação às quais procuramos estabelecer uma condensação (por meio de atitudes atrativas ou repulsivas), ou seja, frente às relações sociais significativas imprimimos uma condensação (identidade). A subjetividade, como defende Avtar Brah, é a “modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é *experimentada* como identidade” (BRAH, 2006: 371). Nossa subjetividade é vivenciada como identidade justamente porque nossa concepção do modo de *ser* no mundo (de Pessoa) está centrada na ideia de que somos todos indivíduos, e que, portanto, temos algo que nos caracteriza, identifica-nos e singulariza. Esta identidade, ainda segundo Brah, não é fixa, mas é, ao contrário, marcada pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Justamente ela não é fixa porque é feita das relações e, portanto, é contextual. Mas é, no entanto, vista como coerente, padronizada e estável:

De fato, a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”. (BRAH, 2006: 371) Grifos da autora.

A própria compreensão de que nossas singularidades não são imutáveis e estáveis aliada à crença de que, no entanto, temos uma essência individual inescapável gera tensões. Do ponto de vista das experiências dos sujeitos essa ambiguidade pode

ser percebida na tentativa de conferir uma explicação coerente com o momento presente para experiências passadas. Isto é, frente ao fato inevitável de que nossas inexoráveis personalidades passam por mudanças muitas vezes profundas, somos levados a atribuir significados posteriores que garantam nossa estabilidade. Todas essas “questões” derivam do fato de ser o *indivíduo* o modo pelo qual pensamos nossas experiências de subjetividade.

As alteridades contra e/ou em relação às quais nos construímos podem ser as mais diversas. Abstratas ou concretas elas podem ser “a família”, “a mãe”, “a Igreja” ou “a burguesia”. No entanto, algumas dimensões da experiência social são vistas como mais significativas nesses processos. A família, por exemplo, é geralmente compreendida como lugar caracterizado por essa tensão entre o processo de individualização e os constrangimentos impostos pelas relações.<sup>4</sup>

Outra alteridade em relação a qual se costumam construir as identidades é marcada pela ideia de “classe social”. Entre estes ritmistas, por exemplo, as identidades homossexuais serão produzidas também em relação a certas concepções de que alguns instrumentos são tocados por sujeitos de determinadas camadas sociais, o que configuraria contextos relacionais específicos nos quais a homossexualidade pode ser compreendida de maneiras diferentes.

4 Uma esfera social na qual a experiência de individualização pode ser percebida como especialmente enervada por constrangimentos é a da família. Há sobre este tema uma diversidade talvez até maior de obras literárias e acadêmicas. No Brasil, a produção antropológica a respeito do tema tem dado origem a debates frutíferos e tem conseguido dialogar com uma série de outros saberes científicos também debruçados sobre esse horizonte. A obra de Gilberto Velho é um exemplo de como os processos de individualização podem ser interpretados antropológicamente. Em uma de suas produções, *Nobres & Anjos* (2008), a dimensão familiar das experiências de individualização fica mais evidente. Em *Geração, Fratria e Gênero: um estudo de mandato transgeracional e subjetivação diferencial* (2011: 1), Luiz Fernando Dias Duarte se propõe compreender “as condições nas quais as identidades pessoais se constroem em relação às características e dinâmicas familiares”. No caso da família de origem portuguesa residente na cidade de Petrópolis as identidades são analisadas como tendo se constituído em aproximação e/ou afastamento em relação à trama e identidade familiar. No caso dos ritmistas de baterias de Escolas de Samba as construções identitárias em relação às famílias de origem não foram objeto de análise. A intenção foi perceber como nas interações entre eles essas identidades eram erigidas e a partir de que elementos.

## Sobre a construção relacional das identidades

A nuclearidade do sujeito (ou a estabilização da subjetividade), vivenciada sob a forma de uma identidade, é vista ora como essência autêntica e imutável e ora como tendo sido produzida em relação a alteridades relacionais significantes. Na verdade, mesmo as “mudanças de identidade” são geralmente encaradas a partir de uma ideia de coerência e tentamos conferir condensação à multiplicidade e contradição. Se a identidade só pode ser constituída em relação a uma alteridade ela é, inexoravelmente, relacional e contextual. No entanto, o modo *indivíduo* de conceber a Pessoa impõe que sejamos pensados como entes essencialmente singulares, autônomos e iguais. Sendo assim, ao mesmo tempo em que somos levados a pensar nossas experiências de subjetividade como identidade (estável), somos também confrontados com o fato de a construímos em relação a “alguém” e ser, portanto, relacional e mutável.

Algumas dimensões da experiência humana são, no entanto, pensadas entre nós como mais intimamente essenciais e particularmente marcadas pela ênfase no individualismo. A sexualidade é uma delas. As vivências “de sexualidade” tendem a ser hegemonicamente vistas como provenientes do âmago mais profundo dos indivíduos.<sup>5</sup> As identidades sexuais são, assim, experiências de subjetividade vistas como ainda mais estáveis e autênticas. É neste sentido que, por exemplo, a ocorrência de frases como “sempre fui gay” é comum entre os ritmistas de chocalho com os quais convivi. A profusão de discursos que atribuem à homossexualidade um caráter inato e essencial desses sujeitos é significativa para demonstrar a compreensão entre nós de que essas experiências de subjetividade (identidades sexuais) parecem ser ainda mais significadas como estáveis, coerentes e autênticas da “verdadeira singularidade” do Eu<sup>6</sup>.

5 Duarte (2004) ressalta como o tratamento que a “sexualidade” recebe de Freud é marcado por uma combinação complexa entre o universalismo (...) e o romantismo (DUARTE, 2004: 52). Se a teoria freudiana teve como efeito a confirmação da tendência ao desentranhamento, ou seja, a consideração da sexualidade como ente específico, também acabou contribuindo para uma “ênfase na interioridade” e na “ética hedonista moderna” (DUARTE, op. cit.: 53).

6 É importante ressaltar que essa compreensão de homossexualidade como essência estável do indivíduo não é hegemônica na sociedade. Ela pode também ser vista como um comportamento ou prática e,

A ideia, já largamente explorada, da “revelação da homossexualidade”<sup>7</sup> permanece entre esses ritmistas. Experiências sexuais e afetivas vistas como heterossexuais são geralmente interpretadas como “enganos” ou “não aceitações” em relação à verdadeira essência homossexual. No entanto, se a homossexualidade permanece como nuclearidade impermeável e imutável da essência desses sujeitos, ela é vista também como sendo construída relacionalmente. O “desejo por homens” aparece como incontestável e coerente (remontado às vezes à própria infância dos entrevistados), mas a “qualidade” desse “homem” que é o objeto do desejo é vista como produzida contextualmente. Quero dizer com isso que o desejo por homens, apesar de pensado como inato é visto como contextual porque esse homem não é aleatório. Ao mesmo tempo em que o desejo é colocado como essência subliminar e inconsciente é também percebido como socialmente construído (na medida em que está relacionado, por exemplo, a concepções e padrões de gênero).

Um bom exemplo de como nos contextos de bateria de escolas de samba a identidade sexual é percebida como propriedade inata, singular e inescapável dos sujeitos está presente em uma das falas de um ritmista de chocalho.

A maioria no chocalho é gay... é um instrumento muito feminino. (...) Pra você tocar o chocalho tem aquele movimento de desmunhecar que é, assim, o movimento da punheta. É isso. Tem coisas que são subliminares. Muitas pessoas não vão falar isso, mas no inconsciente é verdade. (Mateus, ritmista de chocalho).

A compreensão de Mateus de que o movimento necessário para o desempenho musical do instrumento é “feminino” e, portanto, relacionado à identidade homossexual é relevante aqui porque o estatuto dessa relação é, como ele diz, “subliminar”. A ligação entre um movimento corporal (“desmunhecar”), um instrumento

---

portanto, é percebida como descolada do processo de construção de uma identidade (como experiência de subjetividade). Essa compreensão da homossexualidade como prática ou comportamento pode ser amplamente testemunhada entre cristãos evangélicos de vertente “tradicional” ou “pentecostal” tanto em cultos e cerimônias religiosas quanto na atuação de políticos ligados a estes grupos religiosos nas mais variadas instâncias do Poder. Para este assunto ver Natividade (2008) e Natividade & Lopes (2009).

7 Ver, por exemplo, Eribon (2008).

musical (chocalho) e uma identidade de gênero (feminino)/ identidade sexual é vista como estrutural. Mais do que isso, seguindo o raciocínio proposto por Mateus, a identidade homossexual aparece intrinsecamente ligada ao instrumento chocalho. Tocar este instrumento seria, assim, uma realização de uma essência ou a manifestação de um inconsciente. O “desmunhecar” é evocado como movimento corporal próprio de um gênero (relacionado aqui à homossexualidade) e então o fato de homossexuais serem encontrados tocando chocalhos é visto como manifestação dessa essência individual, quase como uma pulsão.

Sendo assim, podemos dizer até aqui que a identidade desses sujeitos é vista como um atributo individual. Ela é vivenciada como manifestação de uma essência interior e, portanto, vista como ligada ao indivíduo. No entanto, como desejo salientar, o processo de construção social da Pessoa não é vivido sem tensão. Vejamos como nesses contextos as identidades sexuais aparecem ora relacionadas a ideias como as de indivíduo e estabilidade, ora ligadas a noções como as de relacionalidade, contexto ou instabilidade.

A ideia de que a identidade homossexual está relacionada a um desejo individual que pode ou não ser concretizado, revelado ou mesmo aceito pode ser encontrada em muitos trechos de entrevistas. Nessas passagens a identidade homossexual aparece como uma essência individual e não como uma construção relacional:

Eu senti naquilo ali, naquele beijo, não só a entrega dele, mas assim, como uma concretização de uma dúvida que eu tinha, e dali eu vi, nossa, não tem jeito. Sou bicha mesmo, e gosto disso. (Leandro, ritmista de chocalho).

Além disso, a identificação entre a identidade homossexual e o gênero feminino tem nesses contextos um elemento particular, o fato de serem conectadas por um elemento material comum: o chocalho. Na fala de Mateus, o chocalho aparece como instrumento tocado principalmente por homens que são homossexuais por serem um “instrumento feminino” o que conecta homossexualidade ao gênero feminino. O corpo do homossexual masculino é colocado na sentença de Mateus como propício ao instrumento visto como feminino e, portanto, em relação

com o corpo feminino. Fundamentalmente, a produção das corporalidades masculinas em baterias está vinculada a um *status* “superior”, à “força” e à “virilidade”. Os instrumentos de timbre grave (chamados de “pesados”) são vistos como essencialmente masculinos, e relacionados à força que requerem para ser tocados e à importância que têm no conjunto musical. A fabricação dos corpos dos homens “de verdade” está relacionada à força vista como necessária para desempenhar as performances musicais dos instrumentos. Dizer que um homem “de verdade” não “pega num chocalho”, como fez Leandro certa vez, é demonstrar a conexão entre masculinidade/virilidade e determinados instrumentos. Sendo assim, é possível dizer que a construção dos gêneros nas baterias de Escolas de Samba está conectada aos instrumentos. Masculinidades e feminilidades são produzidas em relação a esses instrumentos, mas, por que a homossexualidade é pensada geralmente como ligada ao gênero feminino?

A relação entre homossexualidade masculina e gênero feminino é recorrente entre os ritmistas tanto no convívio em baterias quanto a partir de respostas em entrevistas. Explorada por Peter Fry a partir de pesquisas realizadas entre as décadas de 1970 e 1980 ela é partícipe do que cuidadosamente foi caracterizado pelo autor como um modelo hierárquico de concepção da homossexualidade masculina no Brasil. Fry (1982) defende a coexistência de dois modelos, um chamado de hierárquico e outro de igualitário nos modos de perceber as identidades sexuais no país. O primeiro deles enfatiza a hierarquia na medida em que reproduz (em transformação) a diferença de gêneros existente nas relações heterossexuais e o segundo prioriza a igualdade concebendo a relação entre semelhantes em detrimento da relação entre diferentes. Dessa forma, no modelo hierárquico permaneceria a distinção entre ativos e passivos e gêneros masculino e feminino (sendo o “homem” ou “bofe” o ativo/masculino e a “bicha” o passivo/ feminino) e no modelo igualitário os “entendidos” desempenhariam papéis ativos e passivos e gêneros masculino e feminino.

A existência e pertinência desses dois tipos podem ser experimentadas no convívio com homossexuais de uma bateria de escola de samba. A distinção feita entre “homens” e “bichas” é altamente produtiva nesse universo, mas não sem ressalvas. Tal como Fry postulou em relação ao que chama de “mundo masculino de

Belém”, há uma divisão em duas categorias: os que “dão” e os que “comem”. Em seu artigo sobre homossexualidade e cultos afro-brasileiros, o antropólogo explora o modelo de homossexualidade masculina compartilhado pelos atores daqueles cenários sociais. A passividade no ato sexual dividiria aqueles que dão daqueles que comem e marca a diferença entre bichas e homens. Como enfatiza em outro artigo na mesma coletânea: “Nesse sistema, os machos (...) são concebidos como pertencendo a duas categorias fundamentais, ‘homens’ e ‘bichas’. (...) Enquanto o ‘homem’ deveria se comportar de uma maneira ‘masculina’, a ‘bicha’ tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (*gender role*) feminino. No ato sexual o ‘homem’ penetra enquanto a ‘bicha’ é penetrada” (FRY, 1982: 90)<sup>8</sup>.

É importante perceber, no entanto, que a modelização não descarta a captura e compreensão da pluralidade. Carrara & Simões (2007), Braz (2009) e Fachinni (2009) chamam a atenção para a preocupação constante em estudos pioneiros como os de Fry e Carmen Dora Guimarães<sup>9</sup> em perceber a coexistência e disputa de vários sistemas de classificação sobre a homossexualidade no país. A percepção de que diversos marcadores de diferença estariam imbricados nos processos de construção das identidades sexuais está afinada aos desenvolvimentos posteriores a respeito de uma abordagem integrada para a compreensão desses processos. Sendo assim, a existência e ativação desses modelos de homossexualidade podem ser vistas como contextuais e relacionais e, neste sentido, faz-se necessário pensar como as conexões entre sexo,

<sup>8</sup> Leandro de Oliveira (2009) traz situações relacionáveis às propostas de Fry para a compreensão da homossexualidade no Brasil. Estudando as interações em uma casa noturna da periferia da cidade do Rio, Oliveira chama a atenção para um conjunto de “discursos e práticas regulatórias” do jogo erótico nesses contextos e conclui que: “Do ponto de vista da análise, os sujeitos que participam no mercado erótico não antecedem a troca, mas são constituídos pela troca (...)”. (op. cit.: 142). Ou seja, tanto “homens de verdade” quanto “bichas” são feitos nas interações daquele ambiente levando em consideração uma série de fatores (vestimentas, gestuais, vocabulários e outros). Os sujeitos são, assim, concretizados e atualizados a todo o tempo nas interações. O diagnóstico de Oliveira a respeito da existência de uma prescrição regulatória que valoriza o intercuro entre sujeitos de gêneros contrastantes vai de encontro à proposta de Fry para a compreensão da homossexualidade a partir do sistema hierárquico.

<sup>9</sup> Refiro-me aqui à obra de Guimarães sobre homossexualidade masculina entre sujeitos de camadas médias urbanas. Em *O Homossexual visto por Entendidos* (2004) ela sugere a emergência de um modelo de homossexualidade pautado na igualdade de papéis de gênero.

gênero, desejo e práticas sexuais são enredadas a partir de quais parâmetros e construindo quais sujeitos desejáveis ou não em cada contexto relacional. O que, ao invés de reduzir os campos de visão e análise, os alargam.

O que aqui chamamos de “identidade homossexual” não é questionado pelos sujeitos entrevistados como sendo construído relacionalmente e aparece sempre como uma manifestação de um desejo que os constitui essencialmente. No entanto, a identificação entre homossexualidade e gênero feminino é percebida por eles como sendo contextual e não uma “essência” da homossexualidade. Quero dizer com isso que há outras formas de “ser homossexual” nesses universos.

É neste sentido que os homossexuais ritmistas de chocalho percebem que suas identidades são também construídas relacionalmente. Se “A homossexualidade” não entra em questão (é vista como desejo inato por parceiros do mesmo sexo), o modo de “ser homossexual” é percebido como conjuntural e relacional. Como apontou Fry, há uma existência predominante de dois modelos de percepção da homossexualidade masculina no país e a variação dos modos como cada sujeito percebe a homossexualidade depende de uma série de fatores.

A compreensão de que o universo das baterias de escola de samba é “machista” ou “conservador” parece balizar as perspectivas/expectativas a respeito da homossexualidade masculina que são acionadas pelos sujeitos. A visão compartilhada de que nesses universos a diferença entre os gêneros é percebida majoritariamente de forma hierarquizada pelos integrantes de bateria é um argumento dos ritmistas homossexuais para, em determinados contextos, constituírem suas identidades sexuais em relação de identificação positiva ao que é visto como “universo feminino”. Um importante marcador das diferenças entre modos de construir e vivenciar a homossexualidade em baterias parece estar relacionado à percepção de que esses ambientes são “conservadores”.

Essa percepção de “machismo” mais generalizado decorre, para eles, do fato de as mulheres serem encontradas quase exclusivamente num único instrumento (que, por sua vez, é visto como o “menos importante” do conjunto musical). Mas esta perspectiva mais ‘sistemática’ e ‘modelar’ (que de certa forma pode dar a ideia de que as mulheres e os homossexuais “existam” naquelas posições) não existe sem a percepção de que os próprios

corpos femininos são feitos em relação aos instrumentos musicais elaborando conexões entre corpos, desejos, práticas, gêneros e hierarquias. Os corpos masculinos são feitos fortes, ativos e tocadores de determinados instrumentos, enquanto corpos femininos são feitos frágeis, passivos e tocadores de chocalhos. Dito de outra forma, não é somente a percepção de que as mulheres tocam um instrumento visto como menos importante que ‘leva’ os homossexuais à sua companhia, mas é a própria construção de corpos mais masculinos e mais femininos que está imbricada aos instrumentos e às relações que estabelecem. A construção do gênero feminino de forma hierarquizada em relação ao masculino incluindo os instrumentos musicais como fundamentais na construção dessas corporalidades “mais fortes”, “mais responsáveis” e “mais adequadas” é acionada como motivo prevalectante para que os homossexuais ocupem os mesmos espaços que as mulheres.<sup>10</sup> Os *status* variados dos instrumentos são relacionados ao que muitos formulam como uma “invisibilidade” do chocalho, propícia à presença homossexual.

Os desenvolvimentos mais recentes de estudos a respeito das identidades sexuais (hegemônicas ou não) trazem o anseio e a necessidade de se compreender cada vez mais acuradamente os diferentes marcadores envolvidos na produção das inteligibilidades. Já neste sentido as propostas de Fry e Guimarães chamavam a atenção para a pluralidade de concepções e experiências homossexuais no país ressaltando a importância dos contextos relacionais (ou seja, de marcadores de diferença como classe, raça/cor e geração, por exemplo) para a compreensão dos modelos acionados.

É fundamentalmente o modo como os sujeitos entendem as situações nas quais interagem que fará com que construam a realidade à sua volta. De acordo com Fry,

<sup>10</sup> É fundamental ressaltar que esta percepção de que corpos mais masculinos ou femininos são produzidos em relação com/aos instrumentos musicais é tributária de uma concepção específica de gênero, materialidade e de sexualidade. Comumente atribuída a autores como Michel Foucault e Judith Butler, a noção de que os gêneros, sexualidades e até mesmo os corpos não são pré-discursivos procura enfatizar o caráter constante dessa produção. Em minha pesquisa de mestrado explorei mais detidamente estes processos tentando compreender como os instrumentos musicais interagiam com as fabricações de gêneros, corpos e sexualidades. Para o presente artigo creio que o importante é que se perceba o quanto o fato de os gêneros e corpos serem produzidos em relação com instrumentos musicais ressalta o fato de que em alguns níveis as identidades dos sujeitos sejam percebidas como conjunturais e relacionais.

o surgimento do modelo igualitário de homossexualidade “está relacionado com toda uma transformação social das classes médias e altas das grandes metrópoles do país” (FRY, 1982: 95) de modo que a compreensão da homossexualidade a partir dessa matriz de inteligibilidade está vinculada a certos ideais e valores de classe e geração. Essa percepção de que este modelo de homossexualidade “reverbera” mais ou menos de acordo com o contexto de interação é encontrada entre os ritmistas. A resposta de Renato, por exemplo, evoca uma elaboração a respeito da conexão entre o que chama de “movimento gay” e a difusão de uma percepção igualitária da homossexualidade.

De uns anos pra cá acho que virou uma coisa natural você sair na rua e ver um casal de homens se beijando, de mão dada. Eu acho que tá tudo ligado. Eu acho que as escolas de samba ficaram mais acessíveis às pessoas pelos meios de comunicação. (...) Os meios de comunicação contribuíram muito para pessoas novas entrarem na bateria (...) e o movimento gay<sup>11</sup> que cresce na sociedade acompanha essa chegada, entendeu? E aí eles acham seu espaço ali, especialmente no chocalho e no tamborim também porque são instrumentos que não estão muito ligados à comunidade em si, ao morro em si, são instrumentos individuais. Apesar de eu achar que o chocalho é um instrumento mais individualista, acho que o tamborim também é um instrumento que cada um tem o seu, eu posso chegar em qualquer escola e tocar, eu tenho o meu instrumento e não preciso do aval da comunidade. Acho que isso tudo tá relacionado, todos esses movimentos estão relacionados. (Renato, ritmista de chocalho)

Mais do que isso, a fala de Renato revela a compreensão de que certo tipo de homossexualidade (relacionada ao “movimento gay”) seria agora mais visível em baterias de escolas de samba. O que se está a anunciar não é a chegada dos homossexuais às baterias, mas sim a visibilização de certa identidade homossexual – vista como ligada aos desenvolvimentos dos meios de comunicação, à maior “acessibilidade” das escolas de samba a outros

11 Note-se que o vocabulário usado pelo entrevistado muda ao se referir a esse processo de mudança social caracterizado como “movimento gay”. Termos como “bicha” e “viado” são substituídos por “gay” e “homem”. É possível encarar isso como forma de expressar a consciência de que, ao falar de “igualdade” e “movimento gay”, se quer comunicar outro rol de valores que não aqueles ligados à ideia de “bicha” ou “viado”.

segmentos sociais e aos desdobramentos sociais do que caracteriza como “movimento gay”. Certamente este tipo de leitura deve ser analisado levando em consideração a posição do pesquisador, afinal, é tendo em mente os diferentes marcadores e sua interseccionalidade que podemos caracterizar as equações feitas para garantir inteligibilidade às experiências nas interações<sup>12</sup>.

A compreensão, por exemplo, de que homossexuais masculinos possam manter relações entre si não está ausente nesses universos, pelo contrário. Há um entendimento compartilhado de que homossexuais também podem ter relacionamentos com outros homossexuais sem produzir desajustes, o que atesta a premissa de que as identidades sexuais sejam construídas inteligível ou ininteligivelmente de acordo com as relações que os sujeitos estabelecem. Pensando exclusivamente sob a lógica do modelo hierárquico seria improvável ou indesejável que bichas se relacionassem, como explica Fry: “(...) as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma ‘bicha’ e outra ou entre um ‘homem’ e outro”. (FRY, 1982: 90). Não se trata, no entanto, de pensar as identidades sexuais como modelos estanques variavelmente acionados, mas de compreendê-las como permanentemente em formação e, portanto, tendo suas garantias lógicas relacional e contextualmente estabelecidas.

As diversas piadas contadas entre os ritmistas de chocalho que sugerem desconfiança a respeito da masculinidade dos chamados “homens que fazem” (homens que mantêm relações sexuais com bichas) revelam como as identidades sexuais são contextuais, pois, novamente, pensando sob um modelo rígido de identidade hierárquica, a masculinidade dos que desempenham o papel de ativo no intercuro sexual não poderia ser questionada. Ela seria, ao contrário, valorizada. No entanto, o que se deve levar a sério nessas aparentes incongruências é o fato de estar nos chamando atenção para o caráter conjuntural das identidades e dos sujeitos. Como Fry observa, são raras as áreas onde os modelos encontram suas expressões

12 É fundamental entender que, naquele contexto, o entrevistado sabia que estava formulando suas respostas a outro ritmista, de tamborim. Sua resposta sobre a homossexualidade “ligada ao movimento gay” deve ser interpretada levando em consideração as construções de identidades (sexuais ou de classe) ligadas a instrumentos musicais.

totais e eles tendem a coexistir podendo “ser invocados situacionalmente pelo mesmo ator social” (op. cit.: 105). Isto significa que apesar de construir conceitualmente modelos sob os quais a homossexualidade seria pensada/vivenciada no contexto nacional, Fry estava preocupado em ressaltar o caráter relacional das identidades. Mais do que isso, ao postular a situacionalidade de acionamento dos valores aportados logicamente num ou noutro modelo ele está, de fato, rompendo com uma percepção analítica estanque das identidades sexuais, pois, como reforçam Carrara e Simões, “o propósito de Fry não pode deixar de ser lido senão nesse contexto de valorização da ambiguidade, de crítica ao essencialismo e de profunda suspeita quanto ao impacto social dos sistemas dualistas de classificação” (CARRARA & SIMÕES, 2007: 74).

Situação semelhante àquela encontrada entre ritmistas de Escolas de Samba ocorre entre jovens homens e mulheres homossexuais moradores da Nova Holanda, no complexo de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Paulo Victor Leite Lopes<sup>13</sup>, ao analisar dados provenientes da sua pesquisa de mestrado, resalta que, também no caso daqueles jovens, a distinção entre ativo e passivo era fundamental para a construção de suas identidades sexuais, tal como sugerido por Fry. No entanto, o processo de construção das identidades homossexuais também se mostrou relacional e contextual. Ao se dirigir ao pesquisador, uma jovem homossexual dizia saber que “o certo” era ser “50%/50% na cama” (referindo-se a um desempenho sexual igualmente ativo e passivo). O fato de, em contato com o pesquisador, a performance sexual “certa” ser vista como aquela que enfatiza a igualdade radical demonstra que também naquele contexto as identidades homossexuais eram erigidas sempre *em relação*.

Outro importante marcador de diferenças nas baterias é o instrumento tocado pelo ritmista, pois, como procurei ressaltar em trabalho anterior (BILATE, 2013), ele é fundamental nas construções dos sujeitos nesses contextos. A própria percepção de que algumas alas de instrumentos são “mais democráticas” (como a ala de

tamborins) e outras mais “fechadas” ou “machistas” (como a chamada “cozinha”) aponta para o caráter situacional das produções das identidades sexuais. Dito de outra forma, as inteligibilidades de suas identidades sexuais são construídas em relação a esses corpos-instrumentos “democráticos” e aos corpos-instrumentos “machistas” e “conservadores”. Quando, por exemplo, um mesmo ritmista de chocalho diz, respondendo à pergunta: “Porque você acha que os homossexuais tocam chocalho?”, que seu instrumento é caracteristicamente feminino por mobilizar movimentos da “punheta” e, num tom de brincadeira, “desconfia” da masculinidade dos “homens que fazem” dizendo: “Mas a gente sabe do que esses caras gostam, não é?” ele está evidenciando esses dois modos de construção das identidades sexuais. Mais do que isso, ao me inserir no comentário sobre o “verdadeiro desejo” dos “homens que fazem” ele está demonstrando como sua identidade pode ser produzida na interação dependendo da leitura desse contexto<sup>14</sup>.

Atrelada a diferenças entre instrumentos do conjunto musical existe a formação de outro tipo de fronteira relevante para as interações e formação das identidades homossexuais em baterias. O relato de alguns entrevistados nos chama a atenção para marcadores sociais de diferença de classe na (con)formação nas identidades e corpos nesses contextos. Percepções de que certos instrumentos de “maior responsabilidade” seriam mais ligados à “comunidade”<sup>15</sup> estão conectadas a certas ideias de classe e certos valores. Na fala de Fernando (ritmista de chocalho) é possível entrever a associação feita entre os instrumentos musicais, classes sociais, hierarquias entre os instrumentos e percepções sobre “conservadorismo” e “igualdade”:

A galera que chegou nova, de classe média alta, foi tudo pras peças médias, foi tudo pro chocalho e tamborim. Isso me faz pensar que a questão principal é a responsabilidade. É

14 Referindo-se a um ponto de vista generalizado ele conecta homossexualidade masculina ao “feminino” e ao chocalho, e, referindo-se ao “nosso ponto de vista” – “(...) a gente sabe (...)” –, ele desconecta a homossexualidade masculina do “feminino”, dizendo que os “homens que fazem” são homossexuais como ele (ou como eu).

15 Esse termo é usado nos contextos de escolas de samba para se referir à comunidade original de uma agremiação, geralmente um ou mais bairros de periferia ou (no caso de agremiações vistas como de lugares “mais nobres” da cidade) na referência a um “morro” ou “favela”. É um tipo de coletividade geralmente visto como a “essência” de uma agremiação, as pessoas que “fazem a escola acontecer”.

a tal coisa, o chocalho tem desenho, aí você aprende o desenho e acabou. Então se você memorizar pode aparecer só um dia. Agora a marcação são os caras que desenvolvem as bossas<sup>16</sup>, são os caras que estão muito presentes na bateria, entendeu? Não vai ser o mauricinho que vai aparecer lá todos os dias e ficar fazendo bossa. Acho que a questão da responsabilidade pesa mais, tem peças que exigem mais responsabilidade. Marcação principalmente porque é o centro, acontece tudo em volta da marcação. (Fernando, ritmista de chocalho)

Seguindo a explicação de Fernando, é como se os instrumentos ou “peças” vistos como mais importantes tivessem sido guardados sob a tutela daqueles que antes já faziam parte das baterias enquanto a “galera nova” vista como de “classe média alta” foi sendo alocada em instrumentos de “menor responsabilidade” e que exigissem uma presença menos constante dos ritmistas nos ensaios visto que “você aprende o desenho e acabou”, “você pode aparecer só um dia”. Não obstante, a construção das identidades dos sujeitos nesses contextos também se relaciona com as percepções a respeito das classes sociais e dos instrumentos, já que alguns deles são vistos como “de classe média alta” e, portanto, mais relacionados a valores como “igualdade” e “liberdade” ao contrário de alas de instrumentos percebidas como “conservadoras” e “machistas”.

A percepção dos ritmistas de chocalho de que certas identidades homossexuais estão ligadas a ideais de classes sociais corrobora as observações feitas por estudos como os de Fry e Guimarães sobre as diferentes construções de homossexualidades no Brasil. A interpretação de Fernando citada acima chama a atenção para a relação entre percepções de classes sociais e instrumentos nas baterias, segundo a qual certos tipos de instrumentos seriam tocados por indivíduos de determinadas camadas sociais. Como Fry procurou ressaltar, a construção das identidades homossexuais baseadas em valores como “igualdade” está

16 “Bossas” ou “paradinhas” são movimentos musicais diferenciados do ritmo comum desenvolvido por uma bateria. Esses movimentos são geralmente considerados as partes mais “inovadoras” nas baterias e há uma grande expectativa geral tanto do público quanto dos ritmistas em torno desses movimentos musicais. O próprio processo de elaboração das bossas é, para os ritmistas, um fator que revela as hierarquias entre os diferentes instrumentos. Nesses processos, por exemplo, chocalhos e cuicas são vistos como coadjuvantes ou pouco importantes ao passo que as “marcações” ou surdos, repiques e caixas são vistos como essenciais.

relacionada a processos mais gerais de expansão das classes médias urbanas. Desejo enfatizar aqui a compreensão compartilhada pelos homossexuais ritmistas de chocalho de que certas visões sobre a homossexualidade estão vinculadas a sujeitos-instrumentos-classes específicos. É neste sentido que a ideia de classe também se apresenta como diferença relevante na construção das identidades homossexuais nestes contextos.

Algumas obras literárias ilustram também os modos como os processos de individualização podem lidar ser mediados por noções de classe social. Ou seja, há obras nas quais as construções das identidades (e) dos sujeitos aparecem como sendo feitas em relação com/a diferenças de classes sociais.

Um bom exemplo para abordar os modos como as relações “de classe” ou “trabalhistas” podem servir para a construção de identidades e experiências de subjetividade está em *Uma Alma Simples* (2004). Ali Gustave Flaubert descreve meticulosamente o processo de educação sentimental da personagem Felicité, destacando os numerosos engajamentos afetivos feitos e desfeitos durante sua trajetória. Essa serviçal de Madame Aubain (uma viúva da burguesia normanda) egressa de um contexto social rural, vive uma situação de pronunciada tensão ao se aproximar emocionalmente da família de seus patrões sem, contudo, poder se tornar um efetivo membro daquele núcleo familiar. A desigualdade instaurada pela posição social de empregada da família pode ser percebida então como constrangimento à plena realização daquele indivíduo. De fato, Felicité, apesar de todo o afeto dedicado à família da qual cuidava, seria sempre um não-membro. Esse impedimento social é vivenciado como estruturante da individualidade de Felicité. Sua identidade é construída em relação àqueles aos quais servia marcada pela cisão social existente entre uma empregada e seus patrões.

As experiências “de identidade” entre ritmistas de baterias de Escolas de Samba, assim como a da personagem Felicité, são em alguns momentos pensadas como relacionadas a concepções de classes sociais. O fato de suas particularidades enquanto sujeitos serem vistas como, em alguns momentos, derivadas de posições relativas a estratos e classes sociais é particularmente interessante por ligar as diferentes classes sociais aos instrumentos musicais. Se no caso de Felicité a diferença

que se relacionava à diferença de classes era o status dela enquanto empregada e dos outros enquanto patrões, no caso de ritmistas a diferença de classe é relacionada a instrumentos musicais (por exemplo, entre chocalhos vistos como tocados por indivíduos de “classe média” e surdos vistos como tocados por pessoas da “comunidade” e de “camadas populares”).

### Considerações finais

Pois essas associações, vindas de fora, essas emoções tomadas de empréstimo, ajudam os jovens a caminhar sobre o solo espiritual excessivamente macio desses anos, nos quais eles têm necessidade de descobrir o sentido de si próprios, ainda que imaturos demais para fazerem qualquer sentido. Não importa que alguns guardem vestígios disso e outros não; mais tarde, todos aprenderão a conviver consigo próprios. (MUSIL, 2003, p. 148)

A hesitação de Törless, sua enervante ambiguidade inspirada pelo tempo forte da juventude é característica de um indivíduo que se percebe imerso em relações e destituído de todas elas. Törless procura a si próprio, procura seu cerne, sua personalidade. A dificuldade em se achar, descrita por Robert Musil, pode ser encarada como a ausência de uma subjetividade. De fato, o personagem não tem subjetividade, tem fluxo. Ela, “lugar do processo de dar sentido as nossas relações com o mundo”, como defende Brahm é a “modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade” (BRAH, 2006, 371). Se a contradição desse sujeito-em-processo não encontra estabilização, não condensa pontos (por mais mutáveis e relacionais que sejam eles) não há subjetividade; não há Eu.

Somente a partir da ideia de que somos seres autônomos, indivisíveis e singulares é possível entender o processo conflituoso pelo qual passa o jovem Törless. É justamente a ideia de *indivíduo* que determina a necessidade de que nos pensemos enquanto nuclearizações e estabilizações no mundo. Sem indivíduos somos fluxo, somos nada. Talvez sejamos outra coisa. No entanto, o âmago do próprio individualismo contém seu germe complementar e desafiador, a “sociedade”. Sob esta ideia de associação garante-se a necessidade de que estejamos

sempre *em relação*. Aquilo que une cada um de nós, o grande mistério, o cimento social, só é possível porque somos levados a nos pensar como separados.

Mas, se somos levados a nos perceber como entes independentes, singulares e autênticos somos também desafiados pelas imposições, mandatos mais variadas relações sociais. O processo de individualização pode ser então encarado como trabalho tenso e constante de estabelecer continuidades e rupturas, fronteiras, estabilizações e fluxos.

Tentei demonstrar como as experiências de homossexuais ritmistas de escolas de samba ilustram o modo como o processo de individualização é percebido pelos sujeitos sociais. Naqueles universos as identidades (âmago da singularidade individual) são vivenciadas tanto como essências inarredáveis quanto como construções relacionais. Enquanto essências individuais, essas identidades são percebidas como manifestação autêntica do Eu. No entanto, enquanto relacionais, as identidades são feitas em relação a instrumentos-sujeitos-corpos. A centralidade do par corpo/instrumento musical é percebida no próprio modo como as identidades daqueles sujeitos são construídas ligadas aos instrumentos e aos corpos.

### Referências Bibliográficas

- BILATE, Lucas. (2013). *Sociabilidade de Gênero em Baterias de Escolas de Samba no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro.
- BRAH, Avtar. (2006). “Diferença, diversidade, diferenciação”. In: *Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU* Universidade Estadual de Campinas, n 26, p 329-376.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

- CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio Assis. (2007). “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. In: *Cadernos PAGU: Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU* Universidade Estadual de Campinas, n. 28, p 65-99.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira.(2010). *Nas Redes do Sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2011). “Geração, Fratria e Gênero: um estudo do mandato transgeracional e subjetivação”. In: *Trivium, Estudos Interdisciplinares*, n.3.
- \_\_\_\_\_. (2004). “A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções”. In: PISCITELLI, Adriana et. al. (orgs.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Gramond.
- DUMONT, Louis. (2000). *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ERIBON, Didier. (2008). *Reflexões sobre a Questão Gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FLAUBERT, Gustave. (2004) [1875]. “Uma Alma Simples”. *Três Contos*. São Paulo: CosacNaify.
- FRY, Peter. (1982). *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. (2004). *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Gramond.
- LOPES, Paulo Victor Leite. (2011). *Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro, mimeo.
- MUSIL, Robert. (2003) [1906]. *O Jovem Törless*. Rio de Janeiro/ São Paulo: O Globo/ Folha de S.Paulo.
- NATIVIDADE, Marcelo. (2008). *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/ UFRJ, Rio de Janeiro, mimeo.
- NATIVIDADE, Marcelo & LOPES, Paulo V.L. (2009). “Os direitos das pessoas GLBT e as respostas religiosas: da parceria civil à criminalização da homofobia”. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias...[et al.] (orgs.). *Valores Religiosos e Legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos*. Rio de Janeiro: Gramond.
- OLIVEIRA, Leandro de. (2009). “Diversidade Sexual e trocas no mercado erótico: gênero interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FIGARI, Carlos Eduardo (orgs.) *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Gramond.
- STRATHERN, Marilyn. (2006). *O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Polinésia*. Campinas: Ed. Unicamp.
- VELHO, Gilberto. (1998). *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.